

PROCESSO nº 73/16

PROCEDÊNCIA: PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO.
ASSUNTO: PROJETO PERMANENTE DE CURSO DE EXTENSÃO TERAPIA COMUNITÁRIA.

PARECER nº 48/16
DATA: 24/08/16

1 HISTÓRICO

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão protocolou junto ao Conselho Universitário - CONSUNI, do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, para análise e deliberação, o Projeto Permanente de Curso de Extensão Terapia Comunitária.

2 ANÁLISE

2.1. Projeto anexo.

3 PARECER

Diante do exposto na análise, o Conselho Universitário – CONSUNI do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, deliberou:

APROVAR o Projeto Permanente de Curso de Extensão Terapia Comunitária.

Brusque, 24 de agosto de 2016.

Günther Lothar Pertschy (Presidente) _____

Alessandro Fazzino _____

Edinéia Pereira da Silva Betta _____

Heloisa Maria Wichern Zunino _____

Ademir Bernardino da Silva _____

Denis Boing _____

Jaison Homero de Oliveira Knoblauch _____

Sidnei Gripa _____

Fabiani Cristini Cervi Colombi _____

George Wilson Aiub _____

Marcia Maria Junkes _____

Arthur Timm _____

FORMULÁRIO DE EXTENSÃO
1. IDENTIFICAÇÃO DA ORIGEM

1.1. TÍTULO: Projeto: Terapia Comunitária

1.2. CURSO: Psicologia

1.3. IDENTIFICAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) /PROPONENTE

1.3.1. NOME: Prof. Ademir Bernardino da Silva

1.3.2. TITULAÇÃO: Mestre

1.3.3. E-MAIL : psicologia@unifebe.edu.br

1.3.4. ENDEREÇO E TELEFONE 47 3211-7200

1.3.5. EXPERIÊNCIA ACADÊMICA Coordenador e docente do curso de Psicologia da UNIFEBE.

1.4. COPARTÍCIPIES (PARCEIROS)

Apoio: Patrocínio:

2. CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO
2.1. ÁREA TEMÁTICA:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Comunicação | <input type="checkbox"/> Cultura |
| <input checked="" type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça | <input type="checkbox"/> Educação |
| <input type="checkbox"/> Meio Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Saúde |
| <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção | <input type="checkbox"/> Negócios e Empreendedorismo |
| <input type="checkbox"/> Trabalho | <input checked="" type="checkbox"/> Ética e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Inclusão Social | <input type="checkbox"/> Responsabilidade Social |
| <input type="checkbox"/> Outra: | |

2.1. A AÇÃO DE EXTENSÃO ESTÁ PREVISTA NO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO:

Sim Não

2.2. ABRANGÊNCIA:

Local Regional Internacional

2.3. CLASSIFICAÇÃO DA AÇÃO:
2.3.1. QUANTO AO PRAZO DE OPERACIONALIZAÇÃO:

Ocasional Permanente

2.3.2 QUANTO A ESTRUTURAÇÃO DA AÇÃO DESENVOLVIDA:

<input type="checkbox"/> Programa	<input checked="" type="checkbox"/> Projeto	<input type="checkbox"/> Curso	<input type="checkbox"/> Evento	<input type="checkbox"/> Publicações e Outras
		<input type="checkbox"/> De Iniciação <input type="checkbox"/> De Atualização <input type="checkbox"/> Treinamento e Qualificação Profissional	<input type="checkbox"/> Congresso <input type="checkbox"/> Seminário <input type="checkbox"/> Ciclo de Debates <input type="checkbox"/> Exposição <input type="checkbox"/> Espetáculo <input type="checkbox"/> Evento Esportivo <input type="checkbox"/> Festival <input type="checkbox"/> Campanha <input type="checkbox"/> Palestras <input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Livro <input type="checkbox"/> Anais <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro <input type="checkbox"/> Artigo <input type="checkbox"/> Comunicação <input type="checkbox"/> Manual <input type="checkbox"/> Jornal <input type="checkbox"/> Revista <input type="checkbox"/> Relatório Técnico <input type="checkbox"/> Produto Audiovisual <input type="checkbox"/> Jogo Educativo <input type="checkbox"/> Aplicativo para Computador <input type="checkbox"/> Produto Artístico <input type="checkbox"/> Outros
<input type="checkbox"/> Prestação de Serviços				

2.4. MODALIDADE:

Presencial Semipresencial Virtual ou a Distância

3. DESCRIÇÃO DA AÇÃO

Descrever, nos itens a seguir, todas as informações necessárias para o desencadeamento da ação.

3.1. JUSTIFICATIVA (descrever):

A Terapia Comunitária (TC) originou-se na comunidade Pirambu, bairro pobre da periferia da cidade de Fortaleza/CE há aproximadamente 21 anos. Foi criada pelo Professor Dr. Adalberto de Paula Barreto, médico psiquiatra, docente da Universidade Federal do Ceará, do Departamento de Saúde Comunitária. Ela se realiza por meio de encontros na comunidade em que as pessoas participantes relatam inquietações e problemas advindos do cotidiano que muitas vezes, transforma-se em sofrimento emocional. Nesses encontros, resgata-se por meio do diálogo a Fortaleza dos moradores, e a cada dia se experimenta o (re) fazer de elementos imprescindíveis na composição de sua identidade comunitária.

Pode-se complementar que a Terapia Comunitária compreende os distúrbios das populações excluídas em três categorias: do abandono, da insegurança e da baixa autoestima. O contexto para atenção a esses problemas, considerando populações desassistidas, é o comunitário. A TC encontra-se, atualmente, difundida em todo o território nacional, tendo sido preconizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, vinculada diretamente à Presidência da República, que edita uma cartilha denominada "A Prevenção do Uso de Drogas e a Terapia Comunitária" (SENAD, 2010).

Deste modo, a Terapia Comunitária é um espaço importante de participação, pois oferece a oportunidade de ouvir, de refletir e de ser ouvido. É o momento onde as pessoas se compreendem em oportunidade, e buscam, nas experiências dos outros, soluções para os próprios problemas.

O espaço terapêutico favorece para que os participantes possam exprimir suas inquietações, frustrações, realizações e descobertas. Um ambiente que visa a compreensão das dificuldades dos que se fazem presentes, criando uma parceria de soluções, num clima que desperta o desejo e a oportunidade de participar. Assim, a terapia comunitária é a participação dos diversos saberes em busca da solução de conflitos.

Este projeto vem de encontro à necessidade de melhoria de qualidade de vida de inúmeras pessoas que vivem em constante isolamento, depressão e/ou outros muitos sintomas característicos de uma sociedade que exige competência, mas não permite que os indivíduos manifestem suas dificuldades, seus anseios. Uma proposta de humanização e cooperação.

3.2. PALAVRAS-CHAVE:

1) Terapia Comunitária 2) Saúde Mental 3) Psicologia Social

3.3. OBJETIVO GERAL:

Oferecer à comunidade interna e externa, um espaço para troca de experiências que possa contribuir para a resolução de conflitos individuais.

3.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Possibilitar que as pessoas que vivam algum desconforto emocional, sintam-se ouvidas, compreendidas e partilhem soluções.

3.5. PÚBLICO ALVO: Comunidade acadêmica, público externo..

3.5.1. NÚMERO MÍNIMO DE PARTICIPANTES: 5

3.5.2. NÚMERO MÁXIMO DE PARTICIPANTES: 40

3.6. PERÍODO, CARGA HORÁRIA E LOCAL DE REALIZAÇÃO

3.6.1. DATA DE INÍCIO: Setembro / 2016

3.6.2. DATA DE TÉRMINO: Indeterminado

3.6.3. CARGA HORÁRIA TOTAL: 1 hora semanal

3.6.4. LOCAL: UNIFEBE

3.9. METODOLOGIA:

Conforme as normas da Terapia Comunitária, Proposta pelo Dr. Adalberto Barreto, seguem os passos:

- 1º. Acolhida
- 2º. Escolha do tema
- 3º. Contextualização
- 4º. Problematização
- 5º. Rituais de agregação e conotação positiva.

5.1 – Acolhida

Neste momento o terapeuta procura deixar os participantes à vontade, bem acomodados, de preferência em círculo, de forma que cada um possa ver a todos. Canta-se alguma música de acolhida, parabéns aos aniversariantes da semana ou mês – conforme a frequência dos encontros. Pode também realizar alguma dinâmica de integração.

-Essa maneira alegre de acolher contribui para criar um clima de amizade e companheirismo no grupo.

-Em seguida, o terapeuta coloca algumas regras que são muito importantes para o bom andamento da terapia:

-Enquanto uma pessoa fala, todos os demais devem fazer silêncio e ouvir o que esta pessoa diz.

-Fala-se da própria experiência, daquilo que se vive, do sofrimento e do que fez ou faz para superar. Por isso as colocações são feitas sempre usando o verbo na primeira pessoa.

-Aqui não se dá conselho, fala-se da sua própria vivência e aprende-se com a experiência dos outros.

- Quando um participante do grupo lembrar de uma música que tenha a ver com o tema em discussão pode interromper o grupo e sugerir que se cante. Caso lembre de um provérbio ou de uma piada, desde de que esteja no contexto, poderá ser dito.

5.2 – Escolha do tema

Estamos todos bem acolhidos, o terapeuta pergunta ao grupo de alguém gostaria de começar a falar aquilo que lhe está causando sofrimento.

Tem-se um momento para que algumas pessoas do grupo possam falar de maneira sucinta sobre sua situação-problema.

O terapeuta deixa claro que todas as situações questões trazidas são importantes, mas o grupo vai escolher a que sentiu mais urgente. Tem-se então a votação para a escolha do tema.

5.3 – Contextualização

Neste momento, pede-se ao protagonista – que trouxe o tema eleito – mais informação sobre o assunto, para que se possa compreender o problema ao seu contexto.

O terapeuta, bem como os demais participantes, lançam perguntas que ajudem a esclarecer os fatos, situar melhor os acontecimentos, permitindo a compreensão do problema no seu contexto.

Em suas respostas, o protagonista traz sua história, seus valores, suas potencialidades, suas dificuldades, suas frustrações, seus sentimentos. Tem-se que tocar o mundo das emoções, através da empatia, elaborando perguntas sobre sentimentos.

Chega-se a uma linguagem universal – a linguagem das emoções e a temas referentes a:

Proteção x abandono, medo x coragem, culpa e liberação, raiva e amor, tristeza x alegria, segurança x insegurança, etc.

Da contextualização, chega-se a um mote.

5.4 – Problematização

O terapeuta lança o mote.

O mote refere-se ao tema central do qual gira o problema apresentado. É uma pergunta chave que traz à tona os elementos fundamentais, que promovam uma reflexão coletiva sobre seus esquemas mentais, preconceito e reconstrução da realidade.

Ao perguntar quem já viveu uma situação semelhante e o que fez para resolver, o terapeuta busca a sabedoria dos que se fazem presentes, re-significando os fatos.

Ao lançar o mote, é importante trabalhar os dois pólos. Por exemplo: se o tema é a infidelidade, trabalhar também a fidelidade (o que se faz para manter-se fiel).

Enquanto as pessoas vão respondendo ao mote, o terapeuta anota as colocações mais importantes, as palavras-chaves para que se faça o fechamento da terapia.

5.5 – Rituais de agregação e conotação positiva – fechamento

Uma vez atingido o objetivo da problematização, o terapeuta pede que todos fiquem em pé, formando um círculo com as mãos nos ombros um dos outros, faz uma conotação positiva da história apresentada, solicita que os membros do grupo também digam que aprendizado ou reflexão estão levando deste encontro.

Pode-se cantar uma música que tenha a ver com o tema.

Ao final todos se abraçam e termina a terapia em um clima afetivo.

3.10. CRONOGRAMA:

Uma hora semanal.

3.11. MATERIAIS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS

Sala de aula.

3.12. CERTIFICAÇÃO:

Declaração fornecida pela UNIFEBE.

3.13. INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO:

Não haverá avaliação.

3.14. REFERÊNCIAS

BARRETO, Adalberto – Terapia Comunitária. Texto adaptado por Intercef. 2003.

BERTALANFFY, Ludwig Von – Teoria Geral dos sistemas. Ed. Vozes. Petrópolis. 1997.

CAMPOS, Regina – Psicologia social e comunitária. Da solidariedade à autonomia. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 2001.

ESTEVES DE VASCONCELOS, Maria José - O pensamento sistêmico. O novo paradigma da ciência. Papirus Editora. Campinas. S.P. 2002.